



SOFRIMENTO PSÍQUICO GERADO PELAS ATROCIDADES DO RACISMO

Juciara Alves dos Santos¹

Resumo: Este trabalho pretende discutir sobre a incidência de doenças mentais promovidas através do racismo, praticado de forma subliminar danosa e incisiva na sociedade brasileira e, como essas práticas afetam as pessoas que sofrem por conta de sua negritude, estabelecendo relações da temática com as consequências psicológicas. Este estudo busca promover uma reflexão sobre a omissão e escassez de uma visão mais crítica da psicologia brasileira para o tema aqui proposto, através de revisão literária. Padrões construídos ao longo de séculos de dominação branca e católica foram introjetados na mentalidade, na personalidade, no convívio familiar e grupal no que tange os afrodescendentes, gerando uma negação de identidade destes, que provoca sofrimentos, conflitos, transtornos e desigualdades sociais. Os efeitos psicológicos que o racismo provoca, moldam a conduta, a maneira, o pensamento e sentimentos do sujeito.

Palavras-chave: doenças mentais; sofrimento; psicologia brasileira; racismo.

PSYCHIC SUFFERING GENERATED BY THE ATTRACTIONS OF RACISM

Abstract: This work intends to discuss the incidence of mental illnesses promoted through racism practiced in a subliminal and harmful and incisive way in Brazilian society and how these practices affect the people who suffer because of their blackness, establishing relations of the subject with the psychological consequences. This study seeks to promote a reflection on the omission and scarcity of a more critical view of Brazilian psychology for the theme proposed here, through a literary review. Patterns built up over centuries of white and catholic domination were introjected into the mentality, personality, family and group life in relation to Afrodescendants, generating a denial of their identity, which causes suffering, conflicts, disorders and social inequalities. The psychological effects that racism causes, shape the conduct, the way, the thought and the feelings of the subject.

Key-words: mental diseases; suffering; brazilian psychology; racism.

SOUFRANCES PSYCHIQUE GENÉREE PAR LES ATTRACTIONS DU RACISME

Résumé: Ce document traite de l'incidence de la maladie mentale favorisée par le racisme pratiqué subliminal et blessants et incisive dans la société brésilienne et comment ces pratiques affectent les personnes qui souffrent à cause de leur négritude, en établissant le thème des relations avec les conséquences psychologiques. Cette étude cherche à promouvoir une réflexion sur l'omission et la rareté d'une vision plus critique de la psychologie brésilienne pour le thème proposé ici, à travers une revue littéraire. Normes construites au cours des siècles de domination blanche étaient introjetados catholiques à l'esprit, la personnalité, la famille et la vie du groupe en termes d'origine africaine, la génération d'un déni d'identité de ceux-ci, ce qui provoque des souffrances, des conflits, des troubles et des inégalités sociales. Les effets psychologiques que le racisme provoque, façonnent la conduite, le chemin, la pensée et les sentiments du sujet.

¹ Especialização em Gestão em Políticas Públicas em Gêneros e Raças. Universidade Federal de Brasília (UNB). Especialização UNIAFRO: Promoção da Igualdade Racial na Escola. Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Graduação e Psicologia. Faculdade de Tecnologias e Ciências. (FTC) Feira de Santana-Bahia. juciarapsic@yahoo.com.br



Mots-clés: maladies mentales; souffrance; psychologie brésilienne; racisme.

SUFRIMIENTO PSÍQUICO GENERADO POR LAS ATROCIDADES DEL RACISMO

Resumen: Este trabajo pretende discutir sobre la incidencia de enfermedades mentales promovidas a través del racismo practicado de forma subliminal y dañina e incisiva en la sociedad brasileña y cómo esas prácticas afectan a las personas que sufren por cuenta de su negritud, estableciendo relaciones de la temática con las consecuencias psicológicas. Este estudio busca promover una reflexión sobre la omisión y escasez de una visión más crítica de la psicología brasileña para el tema aquí propuesto, a través de revisión literaria. Los patrones construidos a lo largo de siglos de dominación blanca y católica fueron introyectados en la mentalidad, en la personalidad, en la convivencia familiar y grupal en lo que se refiere a los afrodescendientes, generando una negación de identidad de éstos, que provoca sufrimientos, conflictos, trastornos y desigualdades sociales. Los efectos psicológicos que el racismo provoca, moldean la conducta, la manera, el pensamiento y sentimientos del sujeto.

Palabras-clave: enfermedades mentales; sufrimiento; psicología brasileña; racismo.

INTRODUÇÃO

Discutir sobre a incidência de doenças mentais promovidos através do racismo, vitimando uma grande parte da população afro-brasileira, através de sintomas severos e moderados é necessário no âmbito da Psicologia. Pois o mesmo tem causando desde sérios distúrbios de comportamento, até o enlouquecimento. O processo escravista no qual o povo negro esteve submetido se consolidou com base em uma concepção de colonização que não se limitou ao uso exacerbado da mão de obra da população negra, induzindo-os a introjeção de uma concepção de inferioridade. Ainda hoje, essa desvalorização reflete na vida do povo negro que, constantemente vítima do racismo, tem a maioria dessa população em situação desfavorável na tríade sócio-econômica-educacional. Como argumenta Regina Marques de Souza Oliveira, psicóloga, psicanalista, Dr^a em Psicologia Social.

[...]. Sob tal perspectiva não podemos nos esquecer que o Brasil tendo recebido um contingente expressivo de africanos no processo de colonização, acabou por fundar neste solo de matriz indígena também o cerne da cultura negra africana na população como um todo – sejam lá de que raça ou etnia são. Mas ainda que assim seja, formalmente o modelo que se adota nas escolas e na reiteração do Estado Social – políticas públicas, concepções sobre direitos, igualdade e oportunidade de acesso, não são condizentes com esta realidade cultural inaugural do país e identidade Brasil. (Oliveira, 2016.p.277)



O estilo perverso do racismo brasileiro está em sua invisibilidade, pois é algo que socialmente não é falado nem ecoado, no entanto, é sentido e percebido cotidianamente pela maioria da população afrodescendente que vivencia, sente e sofre consequências psicológicas decorrentes do racismo que, influencia de modo desfavorável a formação do aparelho psíquico. De acordo com Oliveira (2016):

Chamamos aparelho psíquico a condição de desenvolvimento mental humano. A condição de discernimento e habilidades do pensamento. Não só do pensamento intelectual formal, mas do pensamento como um todo, seus códigos sociais, lingüísticos, cognitivos, emoções, sentimentos, ansiedades, medos, angústias, instintos. (Oliveira, 2016.277)

Desse modo, reconhecer o racismo como propiciador de adoecimento físico e psicológico, é fundamental pois ele é presente, é real e identificável, e a falta de abordagem e intervenções positivas para o extermínio e reparações dos danos que este promove nos sujeitos de cor negra ou parda, reforça a tal fato. Promover uma reflexão sobre a omissão e escassez de uma visão mais crítica da psicologia brasileira para o tema aqui proposto, é extremamente necessário que ela enquanto ciência deva voltar-se as problemáticas existentes em nossa sociedade. É mister começar a pensar no racismo enquanto causador de adoecimento mental aos sujeitos afrodescendentes brasileiros. A psicologia como profissão responde a diversas demandas presentes nas relações sociais. Dentre estas, destaca-se o fato de que, cada vez mais, Profissionais desta área têm acolhido sujeitos cujo sofrimento psíquico provém das relações inter-étnicas, se deparando com subjetividades afetadas pelo racismo enfrentado no cotidiano.

O racismo constitui-se num processo de hierarquização, exclusão e discriminação contra um indivíduo ou toda uma categoria social que é definida como diferente com base em alguma marca física externa (real ou imaginada), a qual é re-significada em termos de uma marca cultural interna que define padrões de comportamento. Tomando como exemplo, a cor da pele sendo negra, caracterizada como marca física externa, pode implicar na percepção do sujeito ou grupo, através de estereótipos, tais como preguiçoso, agressivo e alegre, caracterizando como marca cultural interna.

O racismo é um dos principais fatores estruturantes das injustiças sociais provocadas na sociedade brasileira, acionando assim, as desigualdades sociais do Brasil.



Metade da população brasileira é negra e a maior parte dela é pobre. As inaceitáveis distâncias que ainda separam negros de brancos, em pleno século XXI, são visíveis nas relações diárias e se refletem nos acessos desiguais a bens e serviços, ao mercado de trabalho, ao ensino superior bem como ao gozo de direitos civis, sociais e econômicos.

No Brasil onde a maioria da população é composta por afrodescendentes não se têm dados precisos sobre a incidência de transtornos mentais no entanto, pode-se afirmar que muitos vivem em um contínuo sofrimento mental, pois são carentes as condições de subsistência e é ampla a falta de perspectivas de vida futura e ao internalizar figuras negativas, alguns afrodescendentes passam a ter transtornos de pensamento e de comportamento, sentimentos inferiores, comportamentos isolados, entendido por muitos como timidez ou agressividade. Segundo, Maria Lúcia da Silva é psicóloga, psicoterapeuta e ativista do Movimento Negro e do Movimento de Mulheres Negras.

O inconsciente coletivo marcado pelo racismo e sexismo, manifestado através dos preconceitos, estereótipo e discriminação, é gerador de situações de violência física e simbólica, que produzem marcas psíquicas, ocasionam dificuldades e distorcem sentimentos e percepções de si mesmo. (Silva, 2004, P.130)

O racismo é identificado e reconhecido pela população brasileira. Uma pesquisa de opinião realizada pela Fundação Perseu Abramo em 2003 (Santos & Silva, 2005), demonstra que 87% dos brasileiros/as admitem que há racismo no Brasil, contudo apenas 4% se reconhecem como racista. Podemos extrair duas consequências desses dados: a primeira é que o racismo existe não pela consciência de quem o exerce, mas sim pelos efeitos de quem sofre seus efeitos. A segunda consequência é que o racismo no Brasil, embora perceptível, se localiza sempre no outro, nunca nas práticas cotidianas de seus agentes, o que torna ainda mais difícil sua superação.

Segundo, (Ciconello,2007.p.2): “O racismo é um dos principais fatores estruturantes das injustiças sociais que acometem a sociedade brasileira , é a chave para entender as desigualdades sociais que ainda envergonham o país”. Metade da população brasileira é negra e a maior parte dela é pobre. As inaceitáveis distâncias que ainda separam negros de brancos, em pleno século XXI, se expressam no microcosmo das relações interpessoais diárias e se refletem nos acessos desiguais a bens e serviços, ao mercado de trabalho, ao ensino superior bem como ao gozo de direitos civis, sociais



e econômicos. Há também outras causas das persistentes desigualdades raciais, como o passado de exclusão e invisibilidade da população negra, sua condição de pobreza e, sobretudo, a negação de seus direitos após a abolição da escravidão no Brasil, em 1888.

Tal conjuntura, remete ao que se configura em Racismo Institucional, também denominado por Racismo Sistêmico, que consiste em um mecanismo estrutural que garante a exclusão seletiva dos grupos racialmente subordinados. Para Ciconello (2007):

O racismo institucional ou sistêmico opera de forma a induzir, manter e condicionar a organização e a ação do Estado, suas instituições e políticas públicas, atuando também nas instituições privadas, produzindo e reproduzindo a hierarquia racial. (Ciconello. 2007, p. 17).

O autor argumenta que, em qualquer situação, o racismo institucional sempre coloca pessoas de grupos raciais ou étnicos discriminados em situação de desvantagem no acesso a benefícios gerados pelo Estado e por demais instituições organizadas.

No Brasil, encontra-se um elevado número de afro-descendentes que não percebem a necessidade de recuperação de identidade oriunda de seus antecedentes, devido a todo este processo de aculturação dos quais foram submetidos, através da imposição da cultura eurocêntrica infligida pela sociedade. E o combate deve ser efetivamente aplicado através denúncias e repúdios, sendo quaisquer que sejam as discriminações e preconceitos raciais praticados.

Nas aulas de História o conceito de Banzo costuma ser apresentado como uma espécie de "estado de espírito" que ocorria em muitos africanos trazidos ao Brasil em situação de escravizados –descrito com um estado de "melancolia", devido a um forte sentimento de saudade da terra natal, associado a desmotivação pela vida; consequentemente entravam em abstinência alimentar e até cometiam suicídio.

É notório que os transtornos mentais são permeados de enganos e estereótipos preconceituosos. o exemplo mais comum é o fato de associar a depressão como sintoma que só a classe dominante possa manifestar, atribuindo ao os transtornos mentais mais severos. Essa trivialização é extremamente nociva para a saúde mental e emocional da população, mascarando o sofrimento legítimo de muita gente, e se agrava quando feita em relação às camadas mais pobres do país. Uma vez que, segundo dados do IBGE, a maior parte da população pobre brasileira é formada por pessoas negras, não é difícil



fazer a conexão: a saúde mental das pessoas negras e pobres, os descendentes dos mesmos escravos que sofreram “Banzo” há 500 anos, são extremamente ignorados.

Como se não bastasse o contexto de exclusão gerado pela condição financeira desfavorecida, o racismo também potencializa o quadro de sofrimento desses indivíduos. Sabendo-se que a exclusão social e a discriminação geram profunda tristeza, letargia e desespero, acabam com a autoestima, a esperança e a motivação de vida, e levam até mesmo a outros problemas, tais como a dependência química, não é difícil concluir que há uma quantidade enorme de pessoas negras passando por transtornos psicológicos sem receber qualquer tipo de auxílio.

Os cidadãos negros se encontram em um contexto extremamente hostil, onde a permanência exorbitante da discriminação racial torna muito difícil enxergar-se de maneira positiva. Por isso é tão complicado para as mulheres e homens negros construir e manter um nível de autoestima saudável. O racismo dificulta o acesso a atividades e papéis sociais considerados importantes. Empregos e profissões de qualidade, ou mesmo moradias ou locais para o consumo são comumente barrados para as pessoas negras, gerando um efeito “bola-de-neve”: como são marginalizados pela sociedade e não são incluídos naquilo que a cultura julga importante, muitos conflitos emocionais e psicológicos aparecem; afinal, pertencer a uma comunidade, ser bem visto dentro dela e manter laços sociais de cooperação são fatores indispensáveis para o bem-estar do ser humano.

No entanto, esses fatos só são conhecidos por depoimentos informais, uma vez que não há uma quantidade representativa de trabalhos de pesquisa e análise nessa área específica. É difícil fazer uma estimativa apurada quanto a questão da Saúde Mental e no que tange o recorte de relações étnico-raciais no Brasil, já que os dados não são devidamente colhidos. Quando pesquisas são feitas, a cor do indivíduo atendido não é registrada e analisada criticamente; faltam dados e estudos concretos sobre esse aspecto, como afirma, (Silva,2004):

No Brasil não existem dados precisos sobre a prevalência dos transtornos mentais na população negra, o que se deve a dois fatores: primeiro, a não coleta por parte dos profissionais da saúde do quesito cor na ficha dos usuários dos serviços e, segundo, quando coletado, a não análise desses dados pelo Ministério da Saúde através do DATASUS - Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (Silva, 2004.p.131).



Dessa forma, a execução de políticas públicas específicas e ineficientes é muito improvável. O acompanhamento de assistência psicológica é um privilégio para poucos, um luxo que somente grupos muito bem delimitados conseguem manter.

O combate ao problema se torna ainda mais difícil, uma vez que a cultura promove a resignação e a habituação ao sofrimento do outro, principalmente quando esse outro quase não é visto como um ser humano.

A literatura conceitua a saúde mental como a tensão entre forças individuais e ambientais que determinam o estado de equilíbrio psíquico das pessoas. Manifesta-se, nas pessoas, pelo bem-estar subjetivo, pelo exercício de suas capacidades mentais e pela qualidade de suas relações com o meio ambiente. Como forças individuais, são entendidos os comportamentos, as práticas pessoais de saúde e atitudes de adaptação, as características biológicas e herança genética; e, como forças ambientais, fatores como educação, emprego e condições de trabalho, o entorno social e físico, rede de apoio social, gênero, raça/etnia, cultura, entre outros. Portanto, o entorno social e econômico imediato de uma pessoa e a maneira como este ambiente interatua, com seus recursos psicológicos e atitudes de adaptação, vão influenciar na determinação de sua situação da saúde, física e mental. Desse modo, é possível dizer que, grande maioria de brasileiros, em que se inclui um enorme contingente de negros, vive em constante sofrimento mental, devido às precárias condições de subsistência e à falta de perspectivas futuras que, conseqüentemente produz adoecimento mental. Segundo, (Silva,2004):

O racismo institucionalizado é determinante no acesso diferenciado dos Afrodescendentes aos equipamentos sociais e gera conflitos nas relações interraciais, provocando desigualdades na forma de inserção dos grupos racialmente oprimidos, com impactos perversos em sua dinâmica psíquica.[...], o inconsciente coletivo marcado pelo racismo e sexismo, manifestado através dos preconceitos, estereótipo e discriminação, é gerador de situações de violência física e simbólica, que produzem marcas psíquicas, ocasionam dificuldades e distorcem sentimentos e percepções de si mesmo. As atitudes racistas são incorporadas às estruturas sociais, incluindo instituições políticas, educacionais, de saúde e diferentes equipamentos do Estado, causando acesso e tratamentos desiguais, que, na maioria das vezes, são imperceptíveis ao conjunto da sociedade, mas são, quase sempre, considerados pelos negros como ato persecutório. (Silva.2004.130)

Perante a difícil dinâmica em que muitos negros vivem, ora perseguidos ora perseguidores, gerando assim uma tensão emocional permanente, de angústia e de ansiedade, que predispõe a distúrbios de conduta e do pensamento, promovendo assim,



inquietação e sentimento de culpa, este acentuado nível de estresse causa diversos transtornos físicos e psíquicos às vítimas, incluindo taquicardia, ansiedade, ataques de pânico, depressão, dificuldade de se abrir, ataques de raiva violenta e aparentemente não-provocada, depressão, hipertensão arterial, úlcera gástrica, alcoolismo, entre outros.

No referente a Psicologia, Oliveira (2016) argumenta:

É terminologia utilizada para designar a emergência da constituição do psiquismo. O psiquismo localiza-se no aparelho mental humano o qual em termos anatômico e neurológico teria por correspondente o cérebro e a cabeça. No entanto esta localização anatômica é apenas uma indicação geográfica no corpo, porque o aparelho mental refere-se a capacidade de pensar ao nível da inteligência, cognição, atenção, memória, ao mesmo tempo em que se relaciona com as dimensões emocionais e afetivas do sujeito humano. A noção de aparelho mental na psicanálise refere-se necessariamente a noção de psiquismo, os quais podem estar sendo utilizados de maneira substitutiva de um pelo outro e vice-versa. (Oliveira, 2016.p.279)

Os dados do Ministério da Saúde, IBGE e IPEA demonstram a existência de uma diferença bastante significativa, no perfil socioeconômico e indicadores de morbimortalidade da população negra em relação à população geral. No Brasil não existem dados precisos sobre a prevalência dos transtornos mentais na população negra, o que se deve a dois fatores: primeiro, a não coleta por parte dos profissionais da saúde do quesito cor na ficha dos usuários dos serviços e, segundo, quando coletado, a não análise desses dados pelo Ministério da Saúde através do DATASUS - Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde. No entanto o aumento da pressão emocional determinado pela reestruturação do setor produtivo na vida moderna e a consequente diminuição do emprego, as precárias condições de vida, a discriminação racial, entre outras, são fatores de exposição de um grande número de pessoas ao sofrimento mental. A população negra vive “encurralada” com pouca ou nenhuma chance de ultrapassar a barreira econômica que lhe é imposta, mantida através do imaginário social que lhe confere o lugar do destituído. De acordo com Lopes, (2004):

No Brasil, a indesejabilidade da discriminação baseada na cor, raça, etnia, orientação sexual, classe, denominação religiosa, porte de alguma deficiência, estilo de vida ou outra situação, leva os indivíduos a organizar o seu referencial de símbolos e significados sociais de uma outra forma. Assim, embora não seja ético orientar sua ação de modo a discriminar, o profissional tende a não



perceber as desigualdades ou a insistir em sua inexistência, contribuindo para a inércia do sistema frente às mesmas e, por consequência, para a sua manutenção e/ou ampliação. (Lopes, F., 2004, p.66).

Dessa forma, a internalização características negativas atribuídas a esta população, conseqüentemente intojeta-se o sentimento de inferioridade, originando constrangimento na relação com seus pares, patrocinando assim, a manifestação de comportamentos de isolamento, entendidos, frequentemente, como timidez ou agressividade. Tal pressão emocional pode ser observada ou lida como perturbação do pensamento e do comportamento. Este paradoxo é percebido pela conduta do excluído em relação ao mundo hostil da elite dominante. Em que, numa sociedade multicultural e racista, o convívio permanente com a “cultura branca” propicia surgimento de transtornos emocionais, por conta de falta de oportunidade, bem com as frustrações e perspectiva para o futuro. Segundo Sousa. “Neste sentido o caldo cultural que banha o bebê negro é primordial para a sua constituição subjetiva e a construção de seu aparelho psíquico se equilibrará a partir da premissa cultura/etnia, indivíduo, sociedade” (Souza. 2016.vol.02).

É constante relatos de negros que sentem de forma marcante as manifestações do racismo em diversos ambientes, principalmente nos setores de trabalho e, quando algum destes conseguem galgar uma profissão de prestígio, depara-se com cobranças implícitas de negação de sua identidade étnica. Segundo Silva (2004).

O racismo se manifesta de modo extremamente negativo no campo intrapsíquico, comprometendo o eu e conseqüentemente, comprometendo sua identidade. Essa ocorrência se deve às repetidas experiências de desvalorização da autoimagem, difundidas tanto pelas instituições como pelas relações interpessoais, e à interiorização do eu ideal europeu, branco. O autoconceito – maneira pela qual a pessoa organiza as percepções sobre si mesma, é um processo que começa no nascimento, desenvolve-se ao longo da vida, de acordo com as experiências vivenciadas do dia-a-dia. O conjunto das auto percepções, algumas temporárias outras permanentes, forma o autoconceito e influencia o comportamento dos indivíduos, associa-se à autovalorização positiva ou negativa e é a referência através da qual a pessoa vê o mundo que a rodeia, numa dinâmica complexa que envolve a organização das ideias e a crença em si mesma. (Silva.2004.130).

A reflexão dos efeitos psicológicos e as concepções que sustentam o racismo nos levam a compreender os mecanismos construídos pela engenharia do racismo brasileiro para manter uma situação de desigualdade e conseqüentemente manter privilégio de



poucos. Essa desigualdade reflete-se ainda hoje na vida do povo negro que embora seja constantemente vítima do racismo e/ ou auto racismo manifesta-se como negação de sua etnia e, se apresente muitas vezes, ou quase sempre, de forma inconsciente. Com isso torna-se necessário refletir sobre tais aspectos a fim de entendermos e contribuirmos com a luta antirracista a qual não deve ser tão somente responsabilidade do povo negro e sim da sociedade como um todo. Segundo Silva (2004) :

O Estado Brasileiro, produtor das desigualdades, através dos instrumentos de segregação que inviabilizam a mobilidade da população negra, é o grande responsável por este estado de coisas, cabendo lhe mudanças na sua estrutura, de forma a contemplar ações específicas de combate, assim como garantia de acesso a serviços humanizados.

Baseado em estudos, a Organização Mundial de Saúde – OMS - ONU, entendem-se como Transtornos Mentais e Comportamentais as condições caracterizadas por alterações mórbidas do modo de pensar e/ou do humor (emoções), e/ou por alterações mórbidas do comportamento associadas a angústia expressiva e/ou deterioração do funcionamento psíquico global. Os Transtornos Mentais e Comportamentais não constituem apenas variações dentro da escala do "normal", sendo antes, fenômenos claramente anormais ou patológicos.

Um comportamento anormal ou um curto período de anormalidade do estado afetivo não significa, em si, a presença de distúrbio mental ou de comportamento. Para serem categorizadas como transtornos, é preciso que essas anormalidades sejam persistentes ou recorrentes e que resultem em certa deterioração ou perturbação do funcionamento pessoal, em uma ou mais esferas da vida. Os Transtornos Mentais e Comportamentais se caracterizam também por sintomas e sinais específicos e, geralmente, seguem um curso natural mais ou menos previsível, a menos que ocorram intervenções. Nem toda deterioração humana denota distúrbio mental.

As pessoas podem sofrer angústia em virtude de circunstâncias pessoais ou sociais e, a menos que sejam satisfeitos todos os critérios necessários para o diagnóstico de determinado distúrbio, essa angústia não constituirá distúrbio mental. Há diferença, por exemplo, entre um estado afetivo deprimido e depressão doença, o primeiro surgindo como resposta a uma determinada circunstância estressante e a outra como uma doença franca.



Para a ciência, s Transtornos Mentais podem ser manifestados de formas distintas entre diferentes culturas, através de modos de pensar e se comportar de cada segmento. As variantes étnicas e culturais, no campo científico são conceituada chamada Psiquiatria Transcultural. As variações normais determinadas pela cultura não devem ser rotuladas como Transtornos Mentais, da mesma forma como, também, não podem ser tomadas como indicações de distúrbio mental as crenças sociais, religiosas e/ou políticas.

No entanto, a estrutura de políticas públicas que atende a esta clientela, não é capacitada de conhecimento da diversidade étnico/cultural, reforçando ainda mais o processo de exclusão e invisibilidade dos mesmos. Assim, Pinto (2011):

[...], faltam a infraestrutura, saneamento básico, sistema hierarquizado de saúde (Unidade Básica de Saúde, Pronto Socorros e Hospitais), sistema educacional e espaços de cultura e lazer. Instaura-se o que chamamos de segregação espacial e que é também social e racial, expressando uma teia de dominação e exploração (Pinto et al, 2011, p.1-18).

A falta de assistência psicológica, nos equipamentos de saúde, que atente a este recorte populacional, é precário e/ou ineficiente, perante a demanda existente.

A segregação e desconsideração da tríade dos fatores biológicos, psicológicos e sociais, como determinantes e agravantes das doenças Mentais, torna-se um grande obstáculo ao estudo e compreensão das mesmas. Não podem ser desconsiderados fatores ambientais que abrangem desde a exposição a substâncias psicoativas no estado fetal, até a desnutrição, infecção, perturbação do ambiente familiar, abandono, isolamento e trauma. Bem como há também fatores psicológicos individuais que se relacionam com a manifestação de Transtornos Mentais e Comportamentais. Um importante achado ocorrido no século XX e que deu forma à compreensão atual, e a importância decisiva do relacionamento com os pais e outros provedores de atenção durante a infância. O cuidado afetuoso, atento e estável permite ao lactente e à criança pequena desenvolver normalmente funções como a linguagem, o intelecto e a regulação emocional. Oliveira (2016), informa:

[...], aquelas que possuem origem ou que realizaram casamento inter-racial, estão marcadas por este contexto de valorização social. Uma mulher negra ou não branca, de "barriga limpa" sente-se superior (em seu contexto social de desvalor) e inscreve na psique de seu filho um valor social de negação da sua



condição de pertencimento e origem étnico racial negro africana. Então para Nogueira (1998), o fenômeno da auto-destruição emocional inicia-se na lembrança arcaica do bebê, em relação as suas estruturas narcísicos-imaginárias que já determinaram esta mesma negação de si. A tragédia que Nogueira (1998) nos relata é desconcertante. Ela aventa que a discriminação já se manifesta no negro muito antes de qualquer experiência social de discriminação - o que Freire Costa (1986) denomina injunção na perspectiva psicanalítica da violência do racismo. Ela diz que é com os efeitos desta injunção já inscritos na psique dos pais negros, que a criança primeiramente se confronta. A isto ela chama de sobreposição. Esta constatação de dois importantes psicanalistas para o campo psicológico e dos estudos sobre a estruturação psico-emocional da criança negra e dos jovens negros é desoladora. (Oliveira, 2016.p.289)

Embora se tenha estabelecido a associação de fatores sociais, como por exemplo a urbanização e a pobreza com o desenvolvimento de transtornos mentais e comportamentais, não há razão para supor que as consequências das alterações sociais para a saúde mental sejam as mesmas para todos os setores de determinado segmento social. As mudanças geralmente exercem efeitos diferenciais baseados no status econômico, no sexo, na raça e na etnia. Oliveira (2016) diz:

Então o aparelho psíquico é protótipo e reescrita de um processo muito amplo que é o destino coletivo e social de todos nós. Da placenta do útero de nossas mães nós caímos para um mundo de universos distintos. E ao mesmo tempo estamos localizados singularmente. Em um aparelho mental que nos ordena e circunscreve nossa vida em um limite específico. Este é o meio da criança. Este é o meio infantil que constitui a todos nós. Seu contorno psíquico e identitário. Que também é banhado por seu caldo étnico. (Oliveira, 2016.p.283)

É notório que o ambiente é fator preponderante e que pode favorecer o desenvolvimento de alguns traços peculiares do sujeito, na forma de relacionamento para com o mundo. Os estímulos, as solicitações, as oportunidades de treinamento, as normas de convivência, enfim, todo o patrimônio oferecido à pessoa através do sistema sociocultural e ambiental poderá determinar peculiaridades características da pessoa existir.

Destarte, é histórica e complexa a questão racial no Brasil e o efeito danoso promovido pelo racismo, esta temática necessita ser discutida, é extremamente necessário que a Psicologia enquanto ciência que estuda nossas atitudes, nossos valores, nossos pensamentos, nossos sentimentos, deva voltar-se as problemáticas existentes em nossa sociedade e discutir sobre a existência do racismo, que socialmente inferioriza os sujeitos afrodescendentes, e negligenciar esta temática torna-se um dos fatores



preponderantes que fomenta o sofrimento psíquico que atinge grande parte da população brasileira. Neste contexto Ciampa (2015) cita:

A psicologia materialista histórica implica a transformação do sujeito em sua dimensão de interpretação de sua história de vida frente ao contexto social por ele vivido. Este processo é inerente a construção da identidade. Pois, a criação de identidade enquanto processo neste aspecto está atrelada a noção de transformação, metamorfose, mudança e alteração, considerando a análise social e individual do sujeito mediante as condições históricas de passado, presente e futuro. A metamorfose são também as mudanças que as pessoas vão adquirindo em função da apresentação de seus personagens. Visto que em diferentes contextos nos apresentamos com diferentes papéis/personagens (personagem específico, ex: mãe, profissional, esposa, amiga). (Ciampa, 2015.p.295)

Tal teoria traduz a simbologia africana do “Sankofa” que representa a sapiência do povo africano e sua infinita sabedoria. Segundo Barbosa, (2008) Sankofa é, assim, uma realização do eu, individual e coletivo. O que quer que seja que tenha sido perdido, esquecido, renunciado ou privado, pode ser reclamado, reavivado, preservado ou perpetuado. Ele representa os conceitos de auto identidade e redefinição. Simboliza uma apreensão do destino individual e da identidade coletiva do grupo cultural. É parte da cultura dos povos africanos, apregoando a busca de sabedoria em aprender com o passado para compreender o presente e moldar o futuro.

Desta sabedoria africana, Sankofa molda uma visão projetiva aos povos milenares e aqueles desterritorializados pela modernidade colonial do “Ocidente”. Reconhece a necessidade de recuperar o que foi esquecido ou renegado. Traz aqui, a princípio, a importância do estudo da história e culturas africanas e afro-americanas, como ensinamentos alternativos de conhecimento e vivências para a contemporaneidade. Mostra, assim, desde a experiência africana e diaspórica, uma abertura para a heterogeneidade real do conhecimento humano, para que se possa notar o mundo de formas diferenciadas. Em suma, perceber os problemas de outro modo e com outros saberes. Em tempos de homogeneização, esta é a maior riqueza que um povo pode possuir.

CONSIDERAÇÕES



Neste momento em que o trabalho precisa ser concluído, torna-se necessário de sumarizar algumas questões que parecem importantes e contundentes, pois persiste o sentido e sentimento de uma (in) conclusão se alicerçam nas seguintes constatações acerca da temática tratada pois, ainda há reflexões sobre as questões étnico-raciais, que sequer ecoaram nos ouvidos da maioria dos profissionais de psicologia; bem com as produções sobre racismo e a discriminação racial correlacionadas a saúde mental. Os diálogos que foram travados nesta produção revelaram que ainda existem incompreensão, tergiversação e trivialização das práticas racistas e discriminatórias ocorridas nos espaços sociais e institucionais.

Dessa forma, ao dialogar, indagar, escutar e tentar compreender os sujeitos que faziam parte daquele espaço tornou-me cúmplice de suas ideias, de suas práticas e de suas “verdades”. Seria tangível que no campo acadêmico possa priorizar o contexto sócio histórico da comunidade que assiste, pois tais questões estão imbricadas na formação do sujeito e que há grande relevância no que tange as contribuições de formação em Psicologia, para uma ação profissional que observe a diversidade racial e o sofrimento psíquico, frutos do racismo em nossa sociedade, inserção de disciplinas específicas com temas vinculados às relações raciais. Diante do fato, há necessidade de criar estratégica a sensibilização inicial dos estudantes, para que futuramente se dê a implicação e seu comprometimento social com a população nesta cidade e também em outras regiões do país. É mister que os atuais e futuros psicólogos entendam, de forma mais extensa e específica, como ocorrem as relações raciais existentes na sociedade, para fomentar conhecimento que possa atender a realidade concreta e, sobretudo, de um sofrimento psíquico característico, sutil e explícito presente no cotidiano da vida dos sujeitos nos múltiplos cantos deste país; seja nas relações institucionais, em especial na escola, no trabalho, na família e também nas outras relações sociais como no esporte, lazer, cultos religiosos, segregação territorial, luta de classes, etc. Expandindo assim, seus campos de atuação, saindo portanto de suas salas confortáveis e divãs de atendimento de uma elite burguesa, que representa uma pequena fatia da nossa sociedade. É notório que a luta será longa e, por outro lado, as práticas psicológicas e suas contribuições ainda estão bastante tímidas, embora haja algumas referências, muitos profissionais sensibilizados, e da discussão ter efetivamente se ampliado no campo da psicologia.



A máscara caiu e, quanto mais cair menos sofrimento psíquico o afrodescendente terá. À medida em que o mito da democracia racial ruiu, onde uma relação harmoniosa entre brancos e negros era sustentada socialmente, não condizente com a realidade da população afrodescendente e que escondia o racismo, os afrodescendentes desistiram de se imaginar birutas, loucos, loucos esses que lutavam contra o nada.

Todavia, partindo dessa questão e do que foi abordado sobre os danos mentais promovidos pelo racismo, podemos colocar em evidência e analisar algumas significações construídas sobre a cor da pele. No Brasil, a intensa miscigenação racial e a extrema discriminação em que vivem as pessoas de cor negra produzem processos de acomodação muito fortes. Ao mesmo tempo, novas formas de categorização estão se desenvolvendo, formas que se destinam a substituir o conceito de raça pelo de modernismo, a cor branca sendo associada aos valores do primeiro mundo e a cor negra aos valores do terceiro mundo. Estas novas formas de categorização não se confrontam com as normas anti-racistas, o que facilita a conservação dos processos de exclusão.

Analisamos este processo numa perspectiva psicossociológica, utilizando como analogia o conceito de “Formação Reativa” para indicar que tanto os mecanismos psicológicos de inibição como as novas formas do discurso racial têm como objetivo preservar a discriminação racial vigente desde a escravatura, assim como retirar dos cidadãos o sentimento de responsabilidade por essa situação.

Portanto, conclui-se que, o racismo pode ser multifacetado, encoberto, dissimulado ou naturalizado. É importante notar que a psicologia deve refletir esses assuntos, e de como seus instrumentos podem colaborar para transferências efetivas no que dizem respeito as influências do racismo na saúde mental.

REFERÊNCIAS

BADARÓ, Marcelo. *Racismo: o que a psicologia tem a ver com isso?* Rio de Janeiro, Jornal nº 18, agosto, 2008, CRP-RJ. Disponível em: <<http://www.crprj.org.br/publicacoes/jornal/jornal18-entrevistas.html>> Acesso em: 27 de junho de 2016.

Ballone GJ - O que são Transtornos Mentais - in. *PsiquWeb*, Internet, disponível em www.psiqweb.med.br, 2008.



BIZERRIL, José; CERQUEIRA, F. B. Pinheiro. In.: CONEPE 2014. *VIII Congresso Brasileiro de Pesquisadores(as) negros(as)*. Belém/PA. Disponível em: <<http://www.para2014.copene.org>>. Acesso em: 26 de junho de 2016.

CAMARGO, Amilton C; FERREIRA, Ricardo F. As relações cotidianas e a construção da identidade negra. *Revista psicologia: ciência e profissão*, São Luís, n 31, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98932011000200013&script=sci_arttext> Acesso em: 01 de junho de 2016.

CASTELAR, Marilda; SANTOS, Carolina C. de O. Relações raciais no ensino de psicologia: uma experiência de sensibilização. *Revista psicologia, diversidade e saúde*. Salvador, dezembro, 2012. Disponível em: <<http://www5.bahiana.edu.br/index.php/psicologia/issue/view/6/showToc>> Acesso em: 05 de junho de 2016.

CIAMPA, *A estória do Severino e a história da Severina*. Um ensaio em psicologia social. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2015.

CICONELLO, Alexandre. *O desafio de eliminar o racismo no Brasil: A nova institucionalidade no combate à desigualdade racial*. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/158789355/O-desafio-de-eliminar-o-racismo-no-Brasil-a-nova-institucionalidade-no-combate-a-desigualdade-racial>. Acesso em 08 de junho de 2016.

COSTA, Jurandir Freire. Da cor ao corpo: a violência do racismo. In. SOUZA, Neusa Santos. *Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. 2 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

DE PAULA, Adilton. Educar o Brasil com raça: “das raças ao racismo que ninguém vê”. In. SANTOS, Gevanilda; SILVA, Maria P. *Racismo no Brasil: percepções da discriminação e do preconceito no século XXI*. 1 ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005.

DOS SANTOS, Marcos A. A história como aliada. In. POMPEU, Fernanda. *Os efeitos psicossociais do racismo*. 1 ed. São Paulo: imprensa oficial do estado de São Paulo: Instituto AMMA psique e negritude, 2008. Disponível em: <<http://www.imprensaoficial.com.br/PortalIO/download/pdf/projetossociais/psiquenegritude.pdf>>. Acesso em: 23 de julho de 2016.

FERREIRA, Ricardo Franklin. *Afro-descendente: identidade em construção*. 1 ed. São Paulo: EDUC; Rio de Janeiro: Pallas, 2004.

FILHO, José M. Gonçalves. *I Encontro Nacional de Psicólogos(as) e Pesquisadores(as) sobre Relações Interracialis e Subjetividade no Brasil*. 2008. Disponível em: <<http://anpsinep.cfp.org.br/arquivos/ipsinep/>>. Acesso em: 02 de julho de 2016.

GARCIA, Renísia C. *Identidade fragmentada: um estudo sobre a história do negro na educação brasileira: 1993-2005*. 1 ed. Brasília: Instituto nacional de estudos e pesquisas educacionais Anísio Teixeira, 2007.

GUIMARÃES, Marcos Antônio Chagas. *A saúde mental da população negra*. Disponível em: <<https://acervo.racismoambiental.net.br/2013/12/21/a-saude-mental-da-populacao-negra>>. Acesso em: 05 de julho de 2016.



LABURTHE-TOLRA, Philippe; Warnier, Jean-Pierre. *Etnologia – Antropologia*. 3ed. Tradução de Anna H. Cavalcante. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LOURENÇO, Conceição. *Racismo: a verdade dói*. Encare. 1 ed. Editora Terceiro Nome. 2006.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. Abdias do Nascimento e sua luta pelos Direitos Humanos. In.: SILVA, Marcus V. de O. *Psicologia e direitos humanos: subjetividade e exclusão*. 1 ed. São Paulo: Casa do Psicólogo; Brasília, DF: Conselho federal de psicologia, 2004.

NOGUEIRA, Isildinha Baptista. Ninguém foge da própria história. In.: Pompeu, Fernanda. *Os efeitos psicossociais do racismo*. 1 ed. São Paulo: imprensa oficial do estado de São Paulo: instituto AMMA psique e negritude, 2008. Disponível em: <<http://www.imprensaoficial.com.br/PortalIO/download/pdf/projetossociais/psiquenegritude.pdf>> Acesso em: 23 de julho de 2015.

NUNES, Sylvia da S. Racismo no Brasil: Tentativas de disfarce de uma violência explícita. *Psicologia USP*, n 17, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642006000100007> Acesso em: 10 de julho de 2016.

OLIVEIRA, Regina M. S. Psicanálise e Psicologia Social: identidade da criança negra. In: *Educação e Relações Raciais*. Oliveira, Iolanda e Pessanha, Márcia (Orgs.) Curso ERER/CEAD, Educação e Relações Raciais, Cursos de Educação à Distância, volume 2, Niterói/RJ: Editora Universidade Federal Fluminense, 2016.

O que são Transtornos Mentais - in. *PsiquWeb* Acesso em: 12 de julho de 2016. www.psiqweb.med.br/site/?area=NO/LerNoticia&idNoticia=230.

PINTO, Elisabete Aparecida. FALA PRETA! no contexto das organizações de mulheres negras. In: SOTER (Org.). *Gênero e teologia: interpelações e perspectivas*. São Paulo: Loyola, 2003.

POMPEU, Fernanda. *Os efeitos psicossociais do racismo*. 1 ed. São Paulo: imprensa oficial do estado de São Paulo: instituto AMMA psique e negritude, 2008. Disponível em: <<http://www.imprensaoficial.com.br/PortalIO/download/pdf/projetossociais/psiquenegritude.pdf>> Acesso em: 23 de julho de 2016.

SAMPAIO, Adriana S. *I Encontro Nacional de Psicólogos(as) e Pesquisadores(as) sobre Relações Interraciais e Subjetividade no Brasil*. 2008. Disponível em: <http://anpsinep.cfp.org.br/arquivos/ipsinep/> >. Acesso em: 12 de junho de 2016.

SILVA, Marcus V. de Oliveira. Psicologia, subjetividade e relações raciais no Brasil. BOCK, Ana M. B. (org). *Psicologia e o compromisso social*. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2009.

SILVA, Maria L. O preconceito racial humilha, a humilhação social faz sofrer, reflexões sobre a construção psíquica do sujeito negro. 1 ed. In.: SILVA, Marcus V. de O. *Psicologia e direitos humanos: subjetividade e exclusão*. São Paulo: Casa do Psicólogo; Brasília, DF: Conselho federal de psicologia, 2004a.

SILVA, Maria L. Racismo e os efeitos na saúde mental. *Texto apresentado no I Seminário de Saúde da População Negra*. 2004b. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/seminario_nacional_saude_pop_negra.pdf> Acesso em: 01 de março de 2015.



SOUZAS, Raquel. A saúde da população negra: uma questão de direito e equidade. *Rev. Ed. Popular*, Uberlândia, n.4, dez.2005 Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/19919>> Acesso em: 01 de março de 2015.

Recebido em outubro de 2017
Aprovado em janeiro de 2018

165